



<https://doi.org/10.51880/ho.v28i2.1588>



A ancestralidade me segurava no colo: memória, oralidade e confluência em Nêgo Bispo

Paulo Petronilio Correia*

ORCID iD 0000-0002-2734-3359

Universidade de Brasília, Programa de Pós Graduação em Literatura, Brasília, Brasil

Resumo: O objetivo central desse artigo é pensar e dar ênfase à noção de confluência conectada à ancestralidade no pensamento do quilombola Nêgo Bispo, o Antônio Bispo dos Santos (2007), onde faz emergir a sua própria ideia de oralidade e memória. É válido salientar que não tratarei de buscar possíveis diálogos com os saberes e fontes orais, uma vez que aqui se trata de uma problematização de natureza teórica e crítica, onde a experiência do quilombola torna-se a fonte viva da sabedoria do quilombo. Farei uso de uma metodologia reflexiva, analítica e crítica em torno dos conceitos forjados e pensados por ele. Dito isso, como sabemos, a noção de ancestralidade tem sido falada e evocada sob vários pontos de vista de forma superficial e sem dar um caráter epistemológico que a sustente. Isso resulta em um discurso vazio, perdendo o contorno político, ético- estético da palavra em sua complexidade. Mais difícil ainda quando, sobretudo, não escutamos as vozes do quilombo, suas corpo-oralidades e memórias ancestrais, cravadas nas subjetividades dos sujeitos subjugados e desumanizados pelo racismo-colonialismo. Para essa confluência contracolonial, tenho em mãos uma discussão feminista negra que dialoga e encontra sua zona de vizinhança nos oris-quilombolas de Beatriz Nascimento (2018), Mariléa de Almeida (2022) e Abdias do Nascimento (1980) e a ideia de ancestralidade pensada por Leda Martins (2021).

Palavras-chave: Ancestralidade. Nêgo Bispo. Confluência. Memória. Corpo-oralidade

Ancestry held me in its lap: memory, orality and confluence in Nêgo Bispo

Abstract: The main objective of this article is to reflect on and emphasize the notion of confluence connected to ancestry in the thinking of the quilombola Nêgo Bispo, Antônio Bispo dos Santos (2007), where he brings out his own idea of orality and memory. It is worth noting that I do not seek possible dialogues with oral knowledge and sources, since this is a problematization of a theoretical and critical nature, where the quilombola's experience becomes the living source of the quilombo's wisdom. I will use a reflective, analytical and critical methodology around the concepts forged and thought by him. That said, as we know, the notion of ancestry has been spoken about and evoked from various points of

* Pós Doutor em Teoria e Crítica Literária. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor Associado da Universidade de Brasília (UnB-FuP). Professor permanente do Programa de Pós- Graduação em Literatura da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: petrot@unb.br.

view in a superficial way and without giving it an epistemological character that supports it. This results in an empty discourse, losing the political, ethical-aesthetic contour of the word in its complexity. It is even more difficult when, above all, we do not listen to the voices of the quilombo, their corporealities and ancestral memories, embedded in the subjectivities of the subjects subjugated and dehumanized by racism-colonialism. For this countercolonial confluence, I have in hand a black feminist discussion that dialogues and finds its environment in the oris-quilombolas of Beatriz Nascimento (2018), Mariléa de Almeida (2022) and Abdias do Nascimento (1980) and the idea of ancestry conceived by Leda Martins (2021).

Keywords: Ancestry. Nego Bispo. Confluence. Memory. Corpo-orality

Introdução

Propõe-se aqui pensar aprofundar no conceito de confluência a partir do pensamento do líder quilombola Nêgo Bispo. É importante salientar que aqui não tenho a intenção de trazer um foco analítico voltado para as fontes orais, mas com a presença de noções como oralidade, memória e ancestralidade na obra de Antônio Bispo dos Santos, pois a experiência do quilombola já nos traz essa confluência de saberes como fundamentais na construção do ethos e da visão de mundo quilombola.

É impossível aqui não registrar quando Abdias do Nascimento (2017) teve a intuição e logo nas primeiras palavras de seu clássico *Genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*, mostrou a importância de falarmos a partir de nós mesmos, da nossa corporeidade quando afirmava que não estava ele interessado em fazer uma ginástica teórica, pois importava a ele ser a própria matéria investigada, ao elucidar que, “quanto a mim, considero-me parte da matéria investigada (Nascimento, 2017, p. 47). Esse pensamento-germinante de Abdias do Nascimento serviu, de certo modo, de base para que o próprio Nêgo Bispo se reconhecesse no colo de sua ancestralidade, pois ao falar em ancestralidade, o quilombola pensa em uma força que rende e confluencia, isto é, a confluência veio no momento em que, segundo Nego Bispo, “a nossa ancestralidade me segurava no colo” (Bispo dos Santos, 2023, p.6). É essa ancestralidade que nos conecta ao nosso corpo-oralidade e faz, de nós negros, sujeitos da nossa própria história.

No entanto, para Abdias, tornar-se a matéria a ser investigada significava sair da condição de objeto e ser sujeito de sua própria história. Foi a partir desse exercício de descolonização e com o interesse em romper com a máscara do silenciamento que a feminista negra Grada Kilomba nos trouxe, em *Memórias da plantação: episódio de um racismo cotidiano*, a importância de descolonizar o eu e a nossa subjetividade, ao mostrar a urgência do negro narrar a sua própria história e estilizar com a máscara do silenciamento imposto pelo colonialismo.

Desse modo, não me interessa aqui pensar fora de meu mundo, pois o que penso

está diretamente ligado à minha prática. Subjetividade e pensamento crítico formam uma trança inseparável. Portanto, o quilombo é o meu corpo, a minha memória ancestral, e se fundamenta enquanto ethos e visão de mundo. É um modo de resistir e me re(ori)entar no mundo a partir da minha corpo-oralidade ou, da minha corpo-oralitura¹ do mundo. Dito isso, encaro o quilombo como um signo afetoso, isto é território de afetos, pois é assim que nos ensina a historiadora Mariléa de Almeida². De certo modo, nessa tradição confluenciadora de afetos, nos mostrou também Nêgo Bispo, que o afeto é algo que se compartilha, se confluencia e não se troca. “E afetos não se trocam, se compartilham. Quando me relaciono com afeto com alguém, recebo uma recíproca de afeto. O afeto vai e vem. O compartilhamento é uma coisa que vai e vem” (Bispo dos Santos, 2023, p.36). Portanto, é impossível retomar uma memória ancestral sem me reorientar a partir da minha corporeidade, do meu ori, uma vez que sentimento, corpo e subjetividade são inseparáveis. Foi animada com esse exercício de sensibilidade que a intelectual negra Neusa Santos (2021) nos mostrou a importância de termos autonomia e falarmos a partir de nós mesmos. Mais uma vez é impossível escrever sem trazer meu corpo enquanto experiência sensível no mundo para eu ter a autonomia sobre mim enquanto sujeito que fala. Mais ainda, salientou Neusa Santos Souza: Uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo. Discurso que se faz muito mais significativo quando mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade (Souza, 2021, p. 45).

Diante disso, é tendo essa consciência que exerço autonomia sobre mim mesmo, pois o que penso e falo é o que vivo a partir da minha experiência concreta, fundado e fundamentado na realidade, no tempo e no espaço que vivo. Portanto é a partir dessas confluências que se traduzem também como encruzilhadas na oralidade que penso e questiono o mundo da vida.

Por fim, é necessária uma nova forma de reafirmação e uma nova re(ori)entação na nossa maneira de pensar a nós mesmos e o mundo que nos cerca. Significa fazermos a nossa História pelas nossas próprias mãos e pelos nossos pés, propondo novos caminhos e novas encruzilhadas em que nós de fato estejamos nela, perguntando pela vida e por nós mesmos na própria complexidade da vida. Aproveito para trazer as reflexões da nossa intelectual quilombola Beatriz Nascimento (2021), sobre a importância de nós negros contarmos a nossa história a partir do que ela chamou de “o negro visto por

1 A noção de oralitura é tomada emprestado aqui da intelectual da memória e do tempo e espiralar, Leda Maria Martins (2021), bem como suas ideias acerca da ancestralidade na encruzilhada com Nêgo Bispo.

2 Historiadora e pensadora feminista negra que pensa e problematiza o afeto e o território em sua Tese de Doutorado defendida em 2018, na Unicamp e que resultou no livro *Devir-quilomba: antirracismo, afeto e política nas práticas de mulheres quilombolas*. É importante salientar que a historiadora Mariléa de Almeida aborda o viés dos afetos e dos afectos por ser herdeira do pensamento da diferença, de um Spinoza, no plano das afecções, isto é, o ato de afetar e ser afetado, mas também ela traz a dimensão do afeto e da cura do feminismo negro de bell hooks e o traçado do quilombo, isto é, o afeto emerge a partir do corpo e do território. Com isso, a feminista amplia e complexifica os espaços de subjetivação.

ele mesmo”, pois para ela, não devemos aceitar a nossa história feita apenas atreves de estudos etnograficos e sociologicos.

Devemos fazer a nossa história, buscando nós mesmos, jogando nosso inconsciente, nossas frustrações, nossos complexos, estudando-os, não os negando. Essa luta de Beatriz, da urgência de falarmos por nós mesmos foi que de certo modo inspirou Abdias do Nascimento ao denunciar que nós fomos forçados a esquecer a nossa história:

Nós, os negros, temos sido forçados a esquecer nossa história e nossa condição por um tempo demasiadamente longo. Por que ficarmos quietos, silenciosos e perdoarmos ou esquecermos o holocausto de milhões sem conta- cem, duzentos, trezentos milhões- de africanos (homens, mulheres, crianças) friamente assassinadas, torturadas, estupradas e raptadas por criminosos europeus durante a escravidão e depois dela? (Nascimento, 1980, p. 21).

Em outras palavras, o que se propõe aqui é semear palavras germinantes e cruzar uma conversa ancestral como forma política de pensar o quilombo, a partir do Brasil. Mais que isso, é uma forma de falarmos e não aceitarmos o silêncio e o esquecimento do que fizeram com todos nós negros. Trata-se de reparação histórica, epistemológica de inserirmos no mundo e ao mesmo tempo lembramos a máxima de Nego Bispo de que “nós nascemos no ventre da terra para viver no colo da ancestralidade”. E esse colo ancestral que iremos evocar aqui, pois aprendemos com Graça Graúna que, ao escrever, damos conta da ancestralidade, do caminho de volta, do nosso lugar no mundo.

Semeando palavras, confluenciando vidas

“Semear palavras” são duas expressões que abrem o último livro, *A terra dá, a terra quer*, de 2023, de Antônio Bispo dos Santos, popularmente conhecido como Nêgo Bispo, filósofo, professor, além de ativista político e líder quilombola, morador do Quilombo Saco-Curtume, em São João no semiárido do Piauí-PI, nasceu em 10 de dezembro de 1959 e faleceu em 3 de dezembro de 2023. Trata-se de um semeador de palavras germinantes e um feiticeiro da língua.

Nêgo Bispo foi autor de *Quilombos, modos e significados* (2007). Este último foi revisto e republicado em 2015 e 2019 com o título *Colonização, Quilombos: modos e significados*. *Quatro cantos* (2022), *Composto escola: comunidades de sabenças vivas* (2022), *A terra dá, a terra quer* (2023), além de vários ensaios, artigos e capítulos que estão espalhados aqui e ali. Trata-se de um quilombola-pensador social da nação brasileira.

O que de fato proponho aqui é evidenciar a complexidade do conceito de confluência, que foi forjado por Nêgo Bispo e que atravessa, de certo modo, toda sua

produção. Pretendo ainda mostrar que esse conceito está intimamente relacionado à memória ancestral de Nêgo Bispo e aos saberes oriundos dos povos quilombolas. É importante ainda dar o lugar correto ao pensamento deste pensador-quilombola que ampliou, tensionou a linguagem de nosso tempo e fez severas críticas à colonização, forjando conceitos, apresentando um outro *ethos* e visão de mundo para aquilombar, contracolonizar, rasurar e reescrever a nação brasileira.

A escolha da ideia de “confluência” como ponto de partida para esse “roçado” teórico se dá pelo fato não somente de trazer a leitura para mais próximo de nós, brasileiros, como reflete a urgência de descolonizar o pensamento eurocentrado, nos aproximarmos da escrita e dos saberes quilombolas vistos a partir “de dentro”, além de reconhecer e divulgar a produção do quilombo e nos entregar à escuta dos povos subjugados e subalternizados pela colonização, pelo racismo e pela colonialidade do ser, do saber e do poder.

Nas palavras prefaciadas por José Jorge de Carvalho, no primeiro livro de Nêgo Bispo, de 2007, *Colonização, Quilombos: modos e significados*, o antropólogo situa a intenção do quilombola e a perspectiva inserida por ele na nossa intelectualidade:

Acima de tudo, o texto de Bispo nos propicia uma oportunidade de fazer uma leitura a contrapelo de algumas obras clássicas do pensamento social ao colocar uma perspectiva que faltava na nossa intelectualidade, seja de esquerda ou de direita: a visão quilombola, que traz a memória e a atitude de quem resistiu à assimilação forçada dos negros escravizados na Colônia e no império e dos negros libertos na república racista (Bispo dos Santos, 2015, p.11).

Assim, ao nos propor uma leitura a contrapelo do pensamento social clássico e trazer uma nova perspectiva que faltava em nosso campo intelectual, Nêgo Bispo alarga o olhar ao abordar a memória da resistência quilombola como virada de chave para compreendermos a nação brasileira. Ele faz tudo isso, lembrando mais uma vez o antropólogo José Jorge de Carvalho, tomado pela alegria e pelo humor, embalado por sua verve de poeta e filósofo:

Junto com sua verve de escritor, poeta, filósofo, historiador e ensaísta, ele traz para o debate intelectual uma nova lucidez advinda de quem planta aquilo que come, cuida da roça e cria cabras e ainda goza do convívio gerado pelo rico circuito das festas e eventos das comunidades rurais da sua região (Carvalho, 2015, p.12).

Dito isso, não irei aqui encarar Nêgo Bispo como “objeto” de estudo, nem coisificá-lo, reduzindo-o ao um certo “Outro”, como sempre exigiram as ciências tradicionais, forjadas nos moldes canônicos-ocidentais, que prezam por uma certa imparcialidade e distanciamento nos quais não estou interessado, uma vez que como negro e de terreiro, me reconheço profundamente nesse quilombo ancestral e de resistência que são os terreiros de Candomblés, lugares onde vivo, vibro e encontro com a minha ancestralidade.

Nesse sentido, o que escrevo, penso e vivo está intimamente relacionado à minha subjetividade e ao meu modo de vida, pois aprendi com o martinicano Frantz Fanon (2020), que para sair do quadro de alienação colonial e retirar as máscaras brancas impostas pelo colonizador, precisamos questionar o mundo a partir da nossa experiência vivida enquanto corpo. Não à toa que ao encerrar sua obra seminal, de 1952, e ao nos reorientar a partir de nossa experiência corporal, Fanon resume seu *Pele negra, máscaras brancas* com a prece “ó meu corpo, faz sempre de mim um homem que questiona!” (Fanon, 2020, p.242). Portanto, com todos os riscos que assumo aqui, não posso falar de uma torre que me separa da vida. Logo, ao questionar o mundo a partir do meu corpo, encontro nessa subjetividade uma maneira de descolonizar o eu, romper com o silêncio e me transformar em sujeito da minha própria história.

Essa foi a postura da feminista negra Grada Kilomba (2019) ao tensionar o regime de autorização discursiva proposto pelo colonialismo e nos inspirar a “escrever sobre o próprio corpo” como estratégia para descolonizar o conhecimento eurocentrado, sair da subalternidade e romper com máscara do silenciamento.

Assim, ao escrever, nas palavras de Luiz Rufino:

A palavra, os atos de fala, a linguagem, a comunicação e o corpo como núcleo de inscrição, memória e expansão da experiência são elementos-chave para entendermos como a violência colonial opera de forma sofisticada e como as lutas contrárias a esse sistema encontram nesses elementos repertórios inventivos e saídas táticas (Rufino, 2022, p. 72).

Acrescento ainda que trazer para essa roda o pensamento de Nêgo Bispo é uma das formas de mostrar a minha relação com a ancestralidade e passar para frente esse conhecimento, uma vez que Nêgo Bispo tinha essa consciência ancestral-existencial que mesmo enterrado ele está vivo em todos nós.

Se reconheço no conceito de confluência uma linha de força, uma forma complexa e alargada de descolonizar o pensamento e pensar a nação brasileira, é por que sou um pensador da encruzilhada e creio que ambas são palavras parentes. Nesse sentido, penso desse lugar: um macumbeiro gay, negro da encruza e, como tal, ousa confluenciar saberes e inventar novas possibilidades de vida.

Isso mostra não somente a relação de Nêgo Bispo com a ancestralidade, como mostra uma atitude ética diante do outro e da vida, uma vez que assumimos diante do outro uma responsabilidade diante de seu viver. Nêgo Bispo fazia questão de lembrar da importância de assumirmos o compromisso de ensinar para os outros e passar para frente os conhecimentos ancestrais. Recordo vagamente em minha memória algumas vezes que ouvi a ressonância de suas palavras ao dizer sobre a ancestralidade, pois ele tinha a consciência de que ancestralidade não é morta, é presente, é viva, é o agora. Portanto, ancestralidade é trajetória. Ancestralidade come e serve de alimento.

Como pretendeu Leda Martins, “o ancestral é acúmulo de conhecimento que

abrange toda a existência em seu entorno, inclusive a natureza da qual faz parte e na qual se nutre” (Martins, 2021, p.205). Por isso precisamos alimentar a ancestralidade e uma das formas de alimentá-la é evocar suas palavras em nós, pois como ele mesmo dizia, “nossas palavras são vivas” (Santos, 2019, p.25). Portanto, como bem ressaltou Nêgo Bispo, “esta fala não é minha. Esta é uma fala ancestral. Uma fala que tem uma trajetória” (Santos, 2019, p.23).

Desse modo, se sou capaz de evocar aqui Nêgo Bispo é por que ele faz parte, de certo modo, da minha vida. Não somente por eu ser macumbeiro, de terreiro e ter nascido no interior de Goiás, nas bandas da comunidade quilombola Kalunga, na cidade de Monte Alegre de Goiás, mas por que o seu saber é vivo, orgânico e ecoa em todos nós para toda vida. Por isso pretendo me conectar, me “ajuntar” confluir e aquilombar, para contracolonizar, uma vez que, como bem nos ensinou nosso quilombola mais velho, Abdias do Nascimento:

Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial. Repetimos que a sociedade quilombola representa uma etapa no progresso humano e sócio-político em termos de igualitarismo econômico (Nascimento, 1980, p.263).

No entanto, em uma rede de afeto e solidariedade, pretendo me confluir, me juntar, em espécie de comunhão existencial com essa escrita-memória, pois como ele disse:

Quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. Essa é a medida (Bispo dos Santos, 2023, p.15).

Nesse caso, ao conferenciar-me com os nossos ancestrais Beatriz Nascimento, Abdias do Nascimento e Nêgo Bispo, não deixarei de ser eu mesmo. Pelo contrário, passarei a ser eu e outra gente, isto é, a gente rende, amplia, aumenta e com isso amplio e aumento minha lente e minha visão de mundo. Portanto, me transformo aqui em uma força que rende ao me juntar com outras forças e potências de vida. No quilombo, nos fortalecemos, pois aprendemos desde cedo não a lógica da exclusão, mas a ética da conjunção, da relação, tal como pretendeu o martinicano Édouard Glissant (2021), ao pensar que tudo se relaciona. E essa foi, de certo modo, uma das maiores sabedorias ensinadas por Nêgo Bispo:

Não fizemos os quilombos sozinhos. Para que fizéssemos os quilombos, foi preciso trazer os nossos saberes de África, mas os povos indígenas daqui nos disseram que lá funcionava de um jeito, aqui funcionava de outro (Bispo dos Santos, 2023, p.45).

Por isso retomo as rédeas da minha existência e recorro à nossa ancestral e

intelectual negra Neusa Santos, ao afirmar que “uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo. Discurso que se faz muito mais significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade (Bispo dos Santos, 1983, p.17).

É a partir desse giro em torno da minha própria corporeidade que me conecto ao conhecimento da realidade em que estou inserido enquanto homem negro, gay e quilombola de Candomblé, pois é a partir da minha experiência que nutro a minha existência. E a minha existência se fortalece da minha experiência vivida coletivamente.

É animado com esse exercício de sensibilidade que trago aqui a memória quilombola de Abdias do Nascimento (2017) que nos ensinou a importância de nos colocarmos na nossa escrita sem pretensão de nos transcender. Portanto, devemos nos considerar parte da matéria investigada:

Somente da minha própria experiência e situação no grupo étnico-cultural a que pertença, interagindo no contexto global da sociedade brasileira, é que posso surpreender a realidade que condiciona o meu ser e me define (Nascimento, 2017, p.47).

Por isso, na esteira de Abdias, também não estou interessado em transcender a mim mesmo e muito menos estou interessado numa ginástica teórica, imparcial e descomprometida. Estou interessado em colocar-me enquanto corpo, atravessado pela experiência construída a partir da terra, do chão batido, confluenciando com o meu terreiro-quilombo que me fez chegar até aqui. Nesse sentido, Nêgo Bispo é o meu ancestral, que já faz parte da minha condição humana e me faz dar um duplo sim à vida. A partir do que ele pensou e nos ensinou, aliados à sua experiência, tivemos um novo olhar para pensar um novo projeto de vida e de nação:

Com antecedentes dessa qualidade, aliados à minha experiência biográfica, e ainda acrescidos com o meu testemunho da existência levada pelo povo afro-brasileiro, não tenho base e nem razões para aceitar a versão mitigada, rosificada da escravidão no Brasil (Nascimento, 1980, p. 21).

Essa consciência política experimentada por Abdias do Nascimento me fez compreender a ancestralidade atravessada pela minha própria experiência. Precisamos e devemos, nas palavras de Abdias do Nascimento (1980:263), “codificar nossa experiência por nós mesmos, sistematizá-la, interpretá-la”. No entanto, escrever pelo viés dessa tradição de aquilombamento, faz com que busquemos a nossa ancestralidade através da memória e da nossa experiência para recontarmos a nossa história, já que “nós, os negros, temos sido forçados a esquecer nossa história e nossa condição por um tempo demasiadamente longo” (Nascimento, 1980, p.21), pois, como pretendeu Lélia Gonzalez (2020), em seu clássico ensaio *Racismo e sexismo na cultura brasileira*, fomos,

tal como uma criança, falados pelo “Outro”, isto é, infantilizados.

Ora, o que estes intelectuais negros sempre fizeram foi nos convocar a reescrever a nação a partir de nós mesmos. Acrescento ainda que a militância intelectual proposta por Beatriz Nascimento pavimentou esse caminho ao mostrar a necessidade de fazermos uma história pelas nossas próprias mãos, isto é, “o negro visto por ele mesmo”. De certo modo, o que chamo aqui de “literatura-quilombo” nos permite repensar a nossa história que foi contada por pessoas brancas e ao fazerem isso, nos desumanizaram e nos apagaram da nação. Aquilombar e enegrecer a nação implica em nos reposicionarmos no mundo, trazendo as nossas subjetividades, como ensinou Beatriz Nascimento:

Não podemos aceitar que a história do negro no Brasil, presentemente, seja entendida apenas através dos estudos etnográficos, sociológicos. Devemos fazer a nossa história, buscando nós mesmos, jogando nosso inconsciente, nossas frustrações, nossos complexos, estudando-os, não os negando. (Nascimento, 2021, p. 45-6).

Diante do exposto, a audácia da intelectual negra e quilombola Beatriz Nascimento foi fundamental para que possamos, na contemporaneidade escrever a nossa história a partir de nós mesmos. Beatriz nos faz pensar criticamente a nossa história que foi contada pelos brancos e a importância de fazermos, por nós mesmos, a nossa história, jogando com o nosso inconsciente, nossas frustrações e complexos para por fim, nos aceitarmos como somos e nos libertarmos.

Para esse movimento de contracolonização, darei as mãos aos quilombolas intelectuais que nos ajudaram a fundar essa nação e que ficaram fora dela, sendo subalternizados, bestializados e desumanizados. Trata-se de uma reparação histórica necessária por séculos de invisibilidade, genocídio, massacre, pilhagem e epistemicídio em torno da produção preta, dos povos originários e quilombolas desse país.

Para dar conta dessa travessia, articularei cinco momentos que se cruzam, nos quais intitulei: “O conceito de Confluência”, “Confluenciar para contracolonizar”, “Os saberes da terra” “Quilombo: memória ancestral” e por fim, “Nêgo Bispo: uma crítica ao humanismo”. Para essa conversa trarei dois pensadores do quilombo brasileiro que são Beatriz Nascimento (2018) e Abdias do Nascimento (1980) e a leitura cruzada do pensador da encruzilhada Luiz Rufino (2023).

O conceito de Confluência

Ora, em que sentido falamos em confluência? De onde vem essa palavra germinante? Explica nos Nêgo Bispo a partir de sua perspectiva ancestral:

De fato, a confluência, essa palavra germinante, me veio em um momento em que a nossa ancestralidade me segurava no colo. Na verdade, ela ainda me segura! Ando me sentindo no colo da ancestralidade e quero compartilhar isso (Santos, 2023, p.14).

Ao buscar a origem da noção de confluência, Bispo arremessa-nos para o colo da ancestralidade e nos compartilha esse saber. Desse modo, entendo a noção de confluência não somente como epistemologia quilombola, mas como estratégia para descolonizar os saberes coloniais e eurocentrados e, acima de tudo, como ferramenta de luta e resistência. A primeira vez que Nêgo Bispo nos apresenta esse conceito em seu livro seminal de 2007, *Colonização, quilombos: modos e significações*. Escutamo-lo:

Confluência é a lei que rege a relação de convivência entre os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se junta se mistura, ou seja, nada é igual. Por assim ser, a confluência rege também os processos de mobilização provenientes do pensamento pluralista dos povos politeístas (Bispo dos Santos, 2015, p.89).

Desse modo, o conceito de Confluência apontada por Nêgo Bispo nos permite pensar numa espécie de relação, isto é, um saber de relação de convivência entre elementos da natureza, um ajuntamento, algo enraizado na própria ideia de quilombo que quer dizer união. A ideia de confluência enquanto saber enraizado no quilombo traz a memória ancestral. Foi o que Beatriz Nascimento pensava já na década de 70 ao ser convidada a falar da historiografia do quilombo, na quinzena do negro na USP, organizada pelo intelectual negro Eduardo de Oliveira e Oliveira, em 1977: “Olha, para mim, no sentido que eu dou para o quilombo, aglutinação, união e organização (Nascimento, 2018, p.145).

Nêgo Bispo assume uma perspectiva contracolonizadora, confrontando a cultura ocidental com os modos de vida das comunidades quilombolas e apontando para formas outras de relação com o mundo à nossa volta. Essa perspectiva contracolonizadora é exemplificada na seguinte passagem:

Os indígenas viviam no Brasil em um sistema de cosmologia politeísta. Viviam integrados cosmologicamente, não viviam humanisticamente. Chegaram então os portugueses com as suas humanidades, e tentaram aplicá-las às cosmologias dos nossos povos. Não funcionou. Surgiu assim o contracolonialismo. O contracolonialismo é simples: é você querer me colonizar e eu não aceitar que você me colonize, é eu me defender. O contracolonialismo é um modo de vida diferente do colonialismo (Bispo dos Santos, 2023, p. 58).

O contracolonialismo, pois, seria um antídoto ao colonialismo, contexto de opressão visto como uma violência que o autor compara a uma forma de adestramento, no qual “Os humanos não se sentem como entes do ser animal” (Bispo dos Santos, 2023, p. 19), distanciados que estão da natureza. Nessa conjuntura, as relações resumem-se à ideia de utilidade e à exploração do mundo natural de maneira desenfreada, inconsequente e violenta.

Ora, o mestre originário Ailton Krenak nos mobiliza e nos sensibiliza ao falar em adiar o fim do mundo, uma vez que, segundo ele, o mesmo tem um esquema muito violento e a sua vontade é que ele se desaparecesse à meia noite e pudesse acordar em

um novo mundo. Ao olhar de forma sensível a noção de confluência pensada pelo quilombola Antônio Bispo, Krenak endossa a sua importância para a instauração desse novo mundo:

No entanto, efetivamente, estamos atuando no sentido de uma transfiguração, desejando aquilo que Nêgo Bispo chama de **confluências**, e não essa exorbitante euforia da monocultura, que reúne os birutas que celebram a necropolítica sobre a vida plural dos povos deste planeta. Ao contrário do que estão fazendo, **confluências** evoca um contexto de mundo diversos que pode afetar. É um termo talhado de maneira artesanal e local, por um homem quilombola, um brilhante pensador marginal neste universo colonial, um crítico sempre tranquilo e bem-humorado das tendências políticas (Krenak, 2022, p.40-41-grifos nosso).

Segundo Krenak, a ideia de confluência evoca um contexto de mundos diversos. Esse termo foi pensado de forma artesanal e local, forjado por esse pensador marginal que é Nêgo Bispo, que segundo Krenak, além de bem humorado e crítico, é tranquilo e com inclinações políticas.

Nessa **confluência de saberes**, formamos os quilombos, inventados pelos povos afroconfluentes, em conversa com os povos indígenas. No dia que os quilombos perderem o medo das favelas, que as favelas confiarem nos quilombos e se juntarem às aldeias, todos em confluência, o asfalto vai derreter (Bispo dos Santos, 2023, p.45- grifos meus).

Em outras palavras, Nego Bispo mostra a importância de confluenciarmos os saberes e as vidas que foram separadas pelo racismo-colonialismo. O quilombo tem força por carregar em seu *ethos* e visão de mundo a capacidade de confluenciar com os povos originários. Por isso Nêgo Bispo sempre enfatizava que não fazemos um quilombo sozinho. É a partir da noção de que a confluência não aceita a fixidez, é que Luiz Rufino passou a assumir que:

A confluência, contra o acúmulo, pressupõe que o mundo está em movimento, em fluxo. Fluir seria o movimento fundamental da existência, que, quando bem manejado, promove essas alianças confluentes. Os colonialistas, na interpretação de Bispo, têm pavor desse movimento, de não poder dominar o que se desloca, o que gira, o que flui (Rufino, 2023, p.327).

Desse modo, a confluência enquanto filosofia ancestral, transforma-se em um modo alargado de ver, sentir e pensar o mundo em devir, pois como um pensamento em movimento, a noção de confluência reivindica alianças a partir de éticas e estéticas das conjunções e conexões. Daí Luiz Rufino traz a gira, o deslocamento e a fluidez, palavras que traduzem a encruzilhada, outra ferramenta analítica que veio dos terreiros

e junto com a confluência, forma um par crucial para desbancar o projeto colonial moderno.

Essa ideia de Confluência nos abre um campo de indagações, pois, tal como um rizoma³ não começa e não termina. A confluência, como o espaço da relação, é onde o pensamento se fortalece. Por fim, nas sábias palavras de Joviano Maia ao nos apresentar o livro *Quatro cantos*:

Nêgo Bispo não apenas nos ensina sobre a confluência na chamada guerra das denominações, ele mesmo é uma galinha chocadeira de confluência, o tempo todo. Se porta como um pássaro de canto sedutor para depois se revelar uma habilidosa aranha no feito das teias, conexões transgressoras de defesa, ataque e ginga (Maia, 2022, p.14).

Dito de outra maneira, Nêgo Bispo, como bem compreendeu Joviano Maia, tal como uma galinha chocadeira de confluência, também se porta como um pássaro sedutor para logo em seguida se metamorfosear em uma aranha habilidosa em seu feito de teias e em fazer suas transgressões e conexões. Assim, Nêgo Bispo nos mostrou que só é possível contracolonizar e transgredir, confluenciando. O que isso significa, veremos adiante.

Confluenciar para contracolonizar

Ora, ao forjar o conceito de confluência como estratégia para contracolonizar, Nêgo Bispo diz que “até hoje, tivemos um processo de colonialismo potente e bem articulado, que usou a política com todas as suas nuances (Bispo dos Santos, 2023, p.52). Ora, Nêgo Bispo, mais do que oferecer conceitos a partir de seus saberes ancestrais, nos mostra a importância de buscar a partir de nós mesmos, modos de fagulhar e criar trincheiras para contracolonizar. Foi o que o mandingueiro decolonial Luiz Rufino nos ensinou, inspirado em Bispo o que de fato significa contracolonizar.

Contracolonizar, em suas palavras, é a capacidade contínua, perspicaz e tática de contrariar a lógica e o padrão dominantes. Assim, para encararmos a força estética

3 A noção de rizoma é pensada aqui a partir do pensamento dos filósofos nômades, Deleuze-Guattari (2000). Para eles, diferente do pensamento raiz que tem apenas uma única direção, a unidade, enquanto o rizoma se ergue sob o signo da multiplicidade, do devir e atua a partir de conexões e heterogeneidades. Pensar o conceito de confluência, nesses termos, significa perceber a plasticidade e o movimento. Foi o que Glissant (2021) nos inspirou a partir do rizoma deleuziano a importância de pensarmos saberes, tal como um mapa aberto, a partir da relação. Portanto, expressões como confluência, encruzilhada, rizoma e relação estão intimamente relacionadas. São epistemologias que nos reorientam a uma atualização do próprio conceito de diáspora. Por fim, o quilombo, enquanto rizoma, é uma matéria em movimento, abertura, devir.

e política da contracolônização proposta por Nego Bispo, haveremos de atar essa palavra geradora em outra assente em sua autoria, que é a noção de confluência (Rufino, 2022, p.70).

Para Rufino, Nego Bispo tinha a consciência de que o ato de contracolônizar é uma forma de insurgir para contrariar o império da lógica dominante, o que hoje é chamado de colonialidade do poder (Quijano, 2019). O conceito de confluência é uma das maiores rasteiras discursivas que podemos dar ao projeto colonial moderno. Em tese, o escritor quilombola utiliza o termo para falar sobre o nosso compartilhamento com os viventes e o mundo ao nosso redor. Segundo ele:

Não tenho dúvida de que a confluência é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios. Ele se fortalece. Quando a gente confluncia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. Essa é a medida (Bispo dos Santos, 2023, p. 15).

É partir da perspectiva de que a confluência é um tipo de energia que nos move para o compartilhamento, que Bispo nos apresenta a imagem do rio, onde se fortalece a confluência como força e energia. Para ele, existe uma confluência que faz com que o humano e o animal se reconheçam e ao mesmo tempo se fortalecem como um rio. E quando um rio se confluncia com outro, ele aumenta, rende e amplia. E não deixa de ser rio.

Dito de outro modo, ao encarar a contracolônização como uma práxis, Luiz Rufino, a partir da sua leitura sobre Nêgo Bispo, aponta que uma das maiores dificuldades que enfrentamos é de desdizer o discurso autorizado pelos regimes de verdade.

Em outras palavras, contracolônizar e desdizer os regimes de verdade coloniais é esquivar da pretensa de superioridade dos homens, brancos e eurocristãos. A lógica é mandingueira no sentido de negar a obsessão cartesiana, o positivismo e o excesso de positividade desse modelo dominante (Rufino, 2022, p.70).

Portanto, ao desdizer os regimes de verdades propagadas pelo colonialismo, é mais que necessário um outro movimento que é esquivar da superioridade instaurada pela branquitude cristã como diagrama de poder. Para esse desafio, Rufino encontra na lógica mandingueira a estratégia cabal para retirar de vez esse carrego colonial, cartesiano e positivista que se ergue sob a égide de um modelo dominante. Desse modo, a descolonizar e conflunciar são duas faces da mesma moeda:

Contracolonizar é um ato confluyente, assim não disputa a centralidade de nada, pois reconhece que a luta em contrariar, transgredir, sucatear, rasurar, enfeitiçar e despachar as presenças e obras coloniais, perpassam pela capacidade de firmar todos os cantos dessa casa (Rufino, 2022, p.70).

Em Nêgo Bispo, ao confluenciar, estilhaçamos de vez com a centralidade do *logos*. Pelo contrário, o *leitmotiv* da confluência é a transgressão, a rasura, o sucateamento do já pensado para pensar o novo, o impensado. Daí a necessidade, como pretendeu Bispo, de enfeitiçar a língua, isto é, “temos que enfeitiçar a língua” e “posso dizer que sou feiticeiro, qual é o problema? Mas sou feiticeiro e milagreiro, porque sou politeísta e sei fazer o efeito tanto pelo milagre como pelo feitiço” (Santos, 2023, p.14).

Nesses termos, a confluência, como um feitiço filosófico, evoca a desterritorialização de tudo e de todos, inclusive, da própria linguagem. Isso só nos mostra que é impossível contracolonizar o pensamento sem houver o que Lélia Gonzalez (2018) já chamava de “batalha discursiva”. Dito de outra maneira, a confluência, enquanto saber discursivo, ancestral e filosófico teve, na acepção de Bispo, uma origem na roça. Diz Nêgo Bispo “essa é uma filosofia que aprendi na roça” (Santos, 2019, p.26).

Dessa maneira, Bispo vai no repertório materno da roça de quilombo, das aprendizagens com as gerações avó e na relação com os mais diferentes seres para nos ensinar que a contracolonização é parte de um contínuo de batalhas política e poética que se alinhavam nas presenças e inscrições dos confluentes (Rufino, 2022, p.71).

Em outras palavras, a filosofia da confluência forjada por Nêgo Bispo emergiu da roça, isto é, dos saberes ancestrais, dos aprendizados, do repertório materno do quilombo e da geração avó, pois somos a continuidade da nossa história. E esse é um dos componentes da ancestralidade composta por “começo, meio e começo” e das complexas relações que emergem de confluência que fortalece, por sua vez, uma certa batalha ancestral, política e poética oriunda dos saberes da terra, das vivências e memórias quilombolas. O que isso quer dizer, será a nossa próxima travessia.

Os saberes da terra

Da terra aprendemos sobre nossos corpos e sobre a nossa ancestralidade. Nessa mesma terra que pisamos e celebramos a vida, é ela que nos abraça em um golpe de vento. Ao nos distanciarmos da natureza, nos transformamos, nos termos de Nêgo Bispo, em “cosmofóbicos”. Segundo Bispo “a cosmofobia é a necessidade de desenvolver, de desconectar, de afastar-se da originalidade” (Bispo dos Santos, 2023, p.27). E ao falar que a humanidade se desconectou da natureza, evoca sua memória,

seu lugar e seu pertencimento:

Fui criado numa casa de chão batido, onde andava descalço. As galinhas e os outros animais conviviam conosco dentro de casa. Quando uma galinha estercava na casa de chão batido, a parte úmida do esterco, das fazendas de galinha, era absorvida pela terra. Tirávamos a parte sólida e jogávamos no quintal para servir de adubo (Bispo dos Santos, 2023, p.18).

Nêgo Bispo, ao partir das suas experiências e vivências como quilombola, tinha a consciência de que todas as vidas são necessárias. Em *A terra dá, a terra quer* Bispo complementa:

No lugar onde nasci e fui criado, temos uma relação orgânica com todas as vidas. Todas as vidas são necessárias, são importantes. A gente corria atrás de um porco para pegá-lo e botá-lo no chiqueiro. A gente brincava de correr para chegar a um lugar, por necessidade (Bispo dos Santos, 2023, p.26).

Ora, quando Nêgo Bispo nos ensina a importância de termos uma relação orgânica com todas as vidas, ele ensina-nos a necessidade de uma atitude ética do cuidado que temos que assumir diante do outro. O quilombo, como espaço da memória e organismo vivo, o transporta para os saberes que se constituíam ao redor da fogueira e na boca da noite. Acrescenta ele:

No quilombo, contamos histórias na boca da noite, na lua cheia, ao redor da fogueira. As histórias são contadas de modo prazeroso e por todos. Na cidade grande, contudo, só tem valor o que vira mercadoria (Bispo dos Santos, 2023, p.25).

Ao trazer a força da memória quilombola através da oralidade, Bispo traz a ideia que no quilombo, diferente da cidade grande que transforma tudo em mercadoria, no quilombo a narrativa oral, as histórias que são contadas de modo prazeroso, por ter o quilombo essa capacidade de unir e confluências, saberes, vidas e subjetividades. É partir desse olhar sensível que emerge dos saberes da encruzilhada que Luiz Rufino, nos ensina sobre Nêgo Bispo:

Tomando a roça de quilombo como horizonte educativo, Bispo nos diz sobre tomar lição com os ciclos das águas, com o trânsito das estações, com as relações trançadas na diferença que muitas vezes faz com que *nem tudo que se ajunte, se misture ou aquilo que se misture, se ajunte*. Nesse chão brotam saberes que fazem da cascavel professora, o mandacaru mestre e o facão artífice das invenções cotidianas (Rufino, 2023, p.325-grifos do autor).

Diante disso, ao pensarmos a roça de quilombo em seu horizonte educativo, e de

certo modo, plástico e estético, precisamos reconhecer o que chamo aqui de literatura-quilombo como um território fecundo para que possamos legitimar a produção quilombola como construção literária, ética-estética.

Desse modo, ao trazeremos o quilombo para dentro da literatura tensionaremos e rasuraremos a crítica hegemônica e autorizada que deslegitima e desmerece a produção do campo, a cultura oral oriunda dos povos quilombolas. No entanto, quando proponho, a partir da literatura do quilombo uma leitura que me permite ampliar o conceito ocidental de narrativa literária, é na tentativa de fazer justiça e reparação epistêmica. É no sentido de valorizarmos saberes que por séculos foram desautorizados, subalternizados, silenciados, marginalizados pela chamada literatura “canônica”. Mais que isso, é uma forma legítima de darmos o lugar correto aos povos quilombolas dessa terra que ficaram fora da nação. Portanto, para esse giro, é necessário tentarmos compreender o que entendemos por quilombo:

O quilombo é uma condição social, fundamentalmente uma condição social, quer dizer, ele não se esgota no militarismo, na guerra que foi feita em relação àquela que ele reagiu, mas a estrutura do quilombo, o que realmente singulariza o quilombo, é que ele é um agrupamento de negros, que o negro empreende, que aceita o índio dentro dessa estrutura e que não foi aceito nunca dentro da sociedade brasileira, como ainda não é aceito até agora, essa... sabe? A aceitação da cultura negra, da cultura índia, como uma coisa brasileira, realmente, como uma coisa dominante, não é aceita (Nascimento, 2018, p.126).

Ora, a intelectual quilombola Beatriz Nascimento nos mostra que o quilombo, diferente do que nos foi ensinado, não é um assunto que se esgota no militarismo e nem na militância. Mais que isso, ele é um agrupamento de negros. Agrupamento que aceita os povos originários, uma vez que foram deixados de lado e não foram aceitos até hoje como projeto de humano e nem parte da cultura brasileira. Por fim, os saberes evocados por Nêgo Bispo são saberes orgânicos. Como bem salientou Luiz Rufino:

Dentre esses saberes orgânicos, fiéis à vadiagem, às festividades e aos bons encontros, Bispo nos apresentou as ideias de *confluência* e *transfluência*, potencializadoras de alianças, de construções expansivas que resistiam, resistem, contornavam e contornam a essa profunda aversão à natureza que ele denominou de *cosmofobia* (Rufino, 2023, p.326).

Assim, Rufino traz a ideia de saber orgânico pensado por Nêgo Bispo, pois somente o saber, fruto de um organismo vivo, é capaz de permitir encontros, alianças e confluências entre saberes. É a partir desse olhar que podemos perceber que o quilombo enquanto nação deve ser encarado como um território múltiplo e em devir.

Nós quilombolas não somos um. Cada quilombo é um. Podemos até contribuir com

os quilombos dos outros, mas cada quilombo é um. É por isso que os colonialistas nunca nos venceram. Eles precisariam de uma arma para cada quilombo, uma estratégia para cada quilombo. E eles não deram conta de pensar em tudo isso. Nós temos a nosso favor um saber ancestral que nos ensina. Os colonialistas não. Eles têm um pensamento quadrado (Santos, 2019, p. 32).

Ora, ao trazer a complexidade dos saberes da terra, Bispo ensina-nos a nos percebermos enquanto corpo múltiplo, pois cada quilombo é um. O que o racismo-colonialismo fez foi nos agrupar, nos universalizar e nos homogeneizar. Essa capacidade que temos de nos vermos enquanto memória coletiva é o que nos prende à ancestralidade. Por fim, chegaremos ao próximo movimento que é pensar o quilombo enquanto memória ancestral.

Quilombo: memória ancestral

Sempre acreditei que uma das formas de continuarmos resistindo é manter viva a memória dos nossos ancestrais. O quilombo está intimamente ligado à memória ancestral e à [r]existência. Quilombo e ancestralidade formam uma simbiose. Não à toa que Ana Mumbuca, quilombola do Jalapão, no Tocantins ensina-nos, ao se referir a Nêgo Bispo, ao fazer o posfácio de seu livro *Quatro cantos*:

Ser quilombo é conhecer a ancestralidade e o sentido do viver, e isso nos faz saber profundamente quem são os meus, as paisagens, pegadas de animais e das vidas que compõem o território, sonoridades, plantas, mundo espiritual, habilidade características de cada indivíduo e grupo familiar e arredores (Bispo dos Santos, 2022, p. 82).

É a partir dessa memória viva presa à memória ancestral de seu povo que uma das primeiras palavras que abre seu último livro, *A terra dá, a terá quer*, Nêgo Bispo nos apresenta de onde vem os primeiros passos da sua trajetória de vida. Por isso, para ele, ancestralidade, memória e trajetória de vida estão intimamente ligadas:

Nos primeiros passos da minha vida, os mais velhos me orientaram a ouvir os cantos dos pássaros e os achados da mata. Compreendo o ambiente onde dei os meus primeiros passos como uma das bases de lançamento da minha trajetória. Uma memória maravilhosa desse tempo, que ainda pulsa, é acordar ouvindo o canto da passarada informando quais as condições meteorológicas do dia (Bispo dos Santos, 2023, p.10).

Nêgo Bispo tem uma facilidade para nos arrastar, nos transportar e nos

transformar através da memória. Me recordo da infância no interior de Goiás, ao ouvir a chuva no telhado e sentia o chão batido de casa que era feita de adobe e de taipa que era a casa da minha geração avó paterna, Antônia. Esa memória da qual fala Nêgo Bispo é aquela que pulsa e é alimentada pelo canto dos pássaros. Acrescenta ele “éssas são memórias recorrentes, para as quais eu volto sempre que encontro um obstáculo da minha caminhada” (Santos, 2023, p.10).

O viver quilombo persiste nos diversos fatores, ressalta-se a capacidade de viver o tempo presente recebendo **forças da ancestralidade** e, assim, vislumbrar o futuro. As temporalidades se misturam em uma conectividade indivisível (Bispo dos Santos, 2022, p. 83- grifos meus).

Segundo Ana Mumbuca, ao fazer o posfácio do livro, o quilombo é memória que ressalta a capacidade que temos de viver no tempo. Por isso ancestralidade e temporalidade não se separam. Ao viver o agora, recebemos forças da ancestralidade que nos impulsionam a vislumbrar o futuro. Assim, as temporalidades se fundem e se conectam. Desse modo, essas memórias são as que os reanimam e são remetidas de uma força maior. Dessa força ancestral retomada pela memória ele é capaz de dar continuidade ao percurso, através da palavra e do afeto.

Nessa toada, Bispo firma a palavra, lavra afetos com a geração neta e vadeia nas fronteiras do saber para nos embalar na sugestão de oralizar a escrita. Não adepto aos binarismos, mas afeito à máxima de que a encruzilhada tem quatro cantos, o mestre não nega diálogo, mas chama para o jogo de corpo, em que se entra saindo e se sai entrando. Se diz não dizendo e não diz dizendo. Artimanha daqueles que, como ele bem gostava de ressaltar, sabem o que fazem, pois dão de comer a sua trajetória (Rufino, 2023, p. 328).

Nas palavras de Rufino, Bispo tem a palavra viva e vibrante em seu corpo, pois é capaz de lavar afetos e trazer a força da oralidade. Não adepto de binarismo, ele tem na confluência sua forma de estilhaçar o colonialismo. Para Bispo, ancestralidade e memória formam uma trança inseparável. A memória feliz é quando somos capazes de capturá-la e torná-la novamente vida, fazendo o nosso corpo vibrar novamente. Foi o que Abdias nos ensinou ao mostrar a importância de trazer a memória do negro:

A memória do negro brasileiro é parte e partícipe nesse esforço de reconstrução de um passado ao qual todos os afro-brasileiros estão ligados. Ter um passado é ter uma consequente responsabilidade nos destinos e no futuro da nação negro-africana, mesmo enquanto preservando a nossa condição de edificadores deste país e de cidadãos genuínos do Brasil (Nascimento, 1980, p. 248).

É a partir dessa memória que ele nos ensina que adestrar e colonizar são duas faces

da mesma moeda. “Quando completei dez anos, comecei a adestrar bois. Foi assim que aprendi que adestrar e colonizar são a mesma coisa” (Bispo dos Santos, 2023, p.11). Segundo ele “pessoas adestradas para que não tenham um imaginário, para que não consigam fazer sua autogestão” (SANTOS, 2023, p.12). No entanto, em Bispo, as pessoas atrofiadas são aquelas que perambulam sem saber onde ir.

Nasci e fui criado em uma encruzilhada de biomas, onde se encontram o semiárido, os cocais, a pré-Amazônia e, vez por outra, também alguns sinais do que se chama de Mata Atlântica. Quando nasci, havia ali uma grande ocupação territorial de pessoas afroconfluentes. Boa parte dessas pessoas compunham a minha família. As outras famílias também eram famílias (Bispo dos Santos, 2023, p.38-grifos meus).

Nesse imaginário quilombola pensado por Nêgo Bispo, mais uma vez ele traz, a partir de seu fluxo da memória, a consciência de si. Ao afirmar que foi criado em uma encruzilhada de biomas, nos transporta para o território quilombola e nos faz perceber que a confluência e a encruzilhada são duas linhas de forças ancestrais que nos inspiram e nos fazem resistir no movimento da vida.

Bispo assume a encruzilhada como lugar de chegada, bebe e brinca com aquele que é fundamento da palavra, corpo e movimento. Ao reivindicar que oralidade não é só o que se fala, mas também o que se risca, negocia, confia no mistério e vibra no corpo, Bispo faz da lavra e da perna no mundo a sua literatura. Planta as noções de *compartilhamento* e *propósito* como chaves do debate político que tem a roça como poética (Rufino, 2023, p.327-328).

Desse modo, a encruzilhada como chegada, tem a roça como lugar da poética e da relação. A roça é o fundamento da existência do povo brasileiro. Ele já se reconhecia nessa confluência em sua “afroconfluência”, onde todos fazem parte dessa grande família quilombo. Diferente da cidade em que as pessoas são adestradas para estarem separadas uma das outras, no quilombo existe uma rede de solidariedade que a cidade, forjada pelo humanismo, a cada dia se desumaniza.

Assumindo essa partilha que faz crescer o saber, Bispo nos trouxe, reverberando sua profunda intimidade com a sabedoria ancestral, um conjunto potente de ferramentas conceituais capazes de nos fortalecer para a luta contra as persistências do colonialismo que nos ronda (Rufino, 2023, p.326).

Ora, segundo Rufino, ao trazer sua sabedoria ancestral, Nego Bispo forja ferramentas conceituais com isso fortalece a luta antirracista e a insistência do colonialismo em nossas vidas. Ao forjar essas armas e nos ensinar a partir das suas experiências, ele mostra a importância de não nos deixarmos ser seduzidos pelas

palavras forjadas pelo colonizador. Nêgo Bispo era consciente de que dar nome, isto é discurso e poder estão intimamente relacionados.

É próprio dos colonialistas inventar palavras para nomear o mundo, as coisas e a nós mesmos. É próprio do colonialismo criar estratégias discursivas para nos nomear e ao fazer isso, hierarquizar saberes. Ao fazer críticas aos colonialistas, Nêgo Bispo adverte:

O colonialista gosta de denominar. Uma das armas do colonialista é dar nome. Em África, nós não éramos chamados de negros antes de o colonialista chegar. Tinham várias denominações, autonomações. E o que os colonialistas fizeram? Denominaram: chamaram todo mundo de negro. E eles usaram uma palavra vazia. Uma palavra sem vida, que é para nos enfraquecer (Bispo dos Santos, 2019, p.25).

Segundo Nêgo Bispo, uma das armas dos colonialistas é dar nome. Terminologias como “negro”, “índio” são invenções coloniais para esvaziar nossas existências.

Para colocar esse nome, os colonialistas desenvolveram pensamentos. E nós também. E é disso que falarei agora: do pensamento sintético e do pensamento orgânico. Estou colocando nomes. Se uma das armas dos colonialistas é nos colocar nomes, coloquemos nomes neles também. E coloquemos nomes que os enfraqueçam (Bispo dos Santos, 2019, p. 26).

Nesse sentido, os colonialistas possuem armas discursivas poderosas e sofisticadas para nos manter na subalternidade. É animado com esse exercício de sensibilidade que Nêgo Bispo discute algo fundamental em seu pensamento que é o saber sintético e orgânico:

Esse é o saber orgânico, aquele que diz respeito ao ser. O outro, o saber sintético, é aquele que envolve ter. Por isso, para nós, não se sustenta de que a academia produz ciência e nós produzimos saber popular. Essa nomeação é por demais colonialista, feita para nos esvaziar. Que popular é esse? Popular de quem? Produzimos saber quilombola, saber indígena, saber do povo de terreiro. Esses saberes têm nomes. Popular é uma palavra vazia (Bispo dos Santos, 2019, p.27).

Nas palavras do quilombola, a academia, envolvida pelo ter, se autoriza dizer que é lugar que faz ciência, portanto é o lugar da erudição, da “epistemologia” e nós, quilombolas que fomos subalternizados, produzimos saberes orgânicos, somos inferiores por produzimos cultura popular. Ele faz crítica e rebate essa visão ocidental-imperial, portanto racista da qual as universidades fazem parte. Com isso Bispo assinala que nós, povos subjugados não fazemos parte de uma massa homogênea denominada pelos colonialistas de “popular”. Somos produtores de saberes indígenas, quilombolas e de terreiros.

Mas estes saberes não são legitimados como tal pelo império colonialista das

universidades que reproduzem o racismo epistêmico, estrutural e institucional. Para ele, uma das maiores decepções dos colonialistas foi o fato de termos aprendido a confluência, algo que eles não conseguiram fazer. Segundo Bispo, a partir dessa perspectiva ancestral, alguém havia perguntado se ele não se sentiria vaidoso por estar sendo convidado pelas universidades e ele respondeu:

Não! Por que essa fala não é minha. Essa fala é ancestral. Eu não tenho sequer o direito de me sentir dono, sozinho, dessa fala. Essa fala me move. A minha vaidade é comunitária. É da minha geração avó. A minha vaidade é ver vocês, pretos e pretas, aqui dentro da universidade (Bispo dos Santos, 2019, p.30).

Quando Nêgo Bispo nos situa nesse lugar da ancestralidade, é por que ele nos mostra, tal como percebeu a feminista negra Jurema Werneck, “nossos passos vêm de longe”. Nesse caso, jamais saberemos para onde iremos, sem soubermos de onde viemos. Por isso Bispo assume que a sua verdade é “comunitária”, isto é, veio da geração “meio, começo, começo”, isto é, da geração de sua avó. Foi esse olhar ancestral que Rufino trouxe a partir de Nego Bispo.

A *ancestralidade* é viva, nesse ciclo que nos foi apresentado. E sua vida funciona em ligação com os processos de vinculação entre os viventes que falam e os que escutam. A oralidade é ligação, é compromisso com o que se escuta e o que se diz. Mais do que uma oposição à escrita, a oralidade se posiciona como esse processo que, registrado ou não na escrita, nos insere na continuidade do que é possível pensar e fazer em conjunto, pela comunidade, coletivamente (Rufino, 2023, p.327).

Com essas sábias palavras a Quilombola e intelectual Beatriz Nascimento nos motiva a voltar para as “coisas nossas” e trazer o nosso quilombo a partir de nós mesmos. Para isso, precisamos criar a nossa ética, a nossa estética, a nossa linguagem a partir de novas fagulhas criativas, trazendo nosso corpo, nossa memória-quilombo e a subjetividade para estilizar essa nação branca, europeia. A proposta política é que a nação seja vista também reescrita do ponto de vista do povo preto e refeita por mãos negras. Diz Beatriz Nascimento:

O quilombo é uma condição social, fundamentalmente uma condição social, quer dizer, ele não se esgota no militarismo, na guerra que foi feita em relação àquela que ele reagiu, mas a estrutura do quilombo, o que realmente singulariza o quilombo, é que ele é um agrupamento de negros, que o negro empreende, que aceita o índio dentro dessa estrutura e que não foi aceito nunca dentro da sociedade brasileira, como ainda não é aceito até agora, essa... sabe? A aceitação da cultura negra, da cultura índia, como uma coisa brasileira, realmente, como uma coisa dominante, não é aceita (Nascimento, 2018, p.126).

Ora, para além do espaço geográfico e físico, o quilombo é uma condição social que não se resume à militância. É o que traduz o agrupamento de negros e que o faz aceitar os índios dentro dessa estrutura, como algo dominante, algo que nunca foi aceito pela branquitude imperial.

O quilombo é memória que não acontece só para os negros, acontece para a nação. Ele aparece, ele surge nos momentos de crise da nacionalidade. A nós não nos cabe valorizar a história. A nós cabe ver o *continuum* dessa história. Por que Zumbi queria fazer a nação brasileira, já com índios e negros integrados dentro dele. Ele queria empreender um projeto nacional de uma forma traumática. Mas não tão traumática quanto os ocidentais fizeram, destruindo culturas, destruindo a história de povos dominados! (Nascimento, 2018, p.337).

Desse modo, Beatriz Nascimento reconhece não somente que o quilombo é memória que não acontece somente para os negros, mas para a nação e surge nos momentos de crises da própria nação. Dito de outro modo, a Literatura-quilombo é insurgente, transgressora e de emancipação, pois trata-se de uma literatura de inclusão de todos na nação brasileira produzida a partir da memória ancestral dos quilombolas. Mais que isso, é um o quilombo enquanto arte da oralidade que reivindica um novo projeto de nação e de humanização e para isso, coloca-se em xeque não somente o projeto humanista e burguês de nação, como o cânone literário. Foi essa crítica ao humanismo forjado nos moldes ocidentais que Nêgo Bispo fez.

Nêgo Bispo: uma crítica ao humanismo

Ora, a base do Humanismo se encontra na ideia clássica de Homem, o que foi definido como “a medida de todas as coisas” por Protágoras. Ao trazer essa ideia universal de humanidade, o que não faz parte desse projeto é colocado na margem, desumanizado.

O poder universal e hegemônico, isto é, o ideal humanista teve a partir da Europa o seu apogeu e sua concretude. Portanto, o humanismo alimenta o império e se transforma em paradigma eurocêntrico ao instaurar a fé nos poderes únicos, intrínsecos à moralidade, à razão e à formação de uma consciência universal. No entanto, o humanismo é um projeto colonial, europeu, imperial e burguês. Em *Discurso sobre o colonialismo* Aimé Césaire faz severas críticas não somente ao projeto de humanismo burguês, europeu, como faz críticas a essa nação burguesa:

Dos valores outrora inventados pela burguesia e que ela lançou mundo afora, um é o do homem e do humanismo- e vimos o que se tornou-, outro é o da nação. É um fato: a nação é um fenômeno burguês (Césaire, 2022, p161).

Desse modo, Césaire mostra-nos que a burguesia inventou o humanismo e a nação. Ao fazer isso, ele faz críticas à Europa:

O fato é que a civilização dita “europeia”, a civilização “ocidental”, tal como a moldaram dois séculos de regime burguês, é incapaz de resolver os dois principais problemas aos quais sua existência deu origem: o problema do proletariado e o problema colonial; que essa Europa, submetida ao crivo da razão, assim como o crivo da “consciência”, mostra-se indefesa ao se justificar; e que ela cada vez mais se refugia em uma hipocrisia tão mais odiosa por ser cada vez menos capaz de iludir (Césaire, 2022, p.161).

Ao fazer críticas a essa Europa que sempre se submeteu como modelo de civilização ocidental, moldado pelo mundo burguês, Césaire assume que dela originou o proletariado e ao colonialismo. Logo, foi ela a responsável pela matriz de todas as opressões: o racismo. A Europa sempre se submeteu ao crivo racionalidade, a dona da consciência. Por isso, diz Césaire: “A Europa é indefensável” e continua ele:

Aonde quero chegar? À seguinte ideia: que ninguém coloniza inocentemente, que ninguém tampouco coloniza impunemente; que uma nação que coloniza, que uma civilização que justifica a colonização- portanto, a força- já é uma civilização enferma, uma civilização moralmente combatida, que, inapelavelmente, de consequência, de negação em negação, invoca o seu Hitler, isto é, o seu castigo (Césaire, 2022, p168).

Dito de outro modo, para Césaire a civilização que justifica a colonização é em si em civilização burguesa. No entanto, quer queira quer não, o humanismo é uma invenção colonialista que surgiu para dividir o mundo em inferior e superior e manter todo um modo maniqueísta de pensar, ver e viver o mundo.

Nêgo Bispo nos traz uma outra grande reflexão ao fazer críticas ao projeto humanista burguês. Segundo ele, os humanistas querem nos globalizar, no sentido de unificar e transformar tudo em apenas uma coisa só. Essa foi umas maiores estratégias racistas do colonialismo que perdura até os dias de hoje:

Os humanistas não querem globalizar no sentido diversal, mas no sentido de unificar, de transformar tudo em um. Quando falam de indivíduo, falam de unicidade. Nós, quando falando de indivíduo, estamos falando de unidade, estamos dizendo “um”, mas esse “um” é parte do todo, do universo (Bispo dos Santos, 2023, p.32).

Ora, pensar a vida a partir da unidade é desprezar toda diversidade e multiplicidade que ela nos oferece. Multiplicidade de pensamentos, de corpos, desejos, subjetividades. Significa atrofiar de fato os modos de vida. É isso que a sociedade

enquanto máquina capitalística nos faz ao nos fazer perder de vista a diversidade e a complexidade das existências. A voz ocidental que sempre falou com a voz do homem branco e heterossexual. O que Bispo nos convoca é à emancipação e à democracia. E isso somente acontecerá quando ouvir outras diversas vozes e não apenas os iguais:

Enquanto a sociedade se faz com os iguais, a comunidade se faz com os diversos. Nós somos os diversos, os cosmológicos, os naturais, os orgânicos. Não somos humanistas, os humanistas são as pessoas que transformam a natureza em dinheiro, em carro do ano. Todos somos cosmos, menos os humanos. Eu não sou humano. Sou quilombola. Sou lavrador, pescador, sou um ente do cosmos. Os humanos são eurocristãos monoteístas. Eles têm medo do cosmos. A cosmofobia é a grande doença da humanidade (Bispo dos Santos, 2023, p.29).

Desse modo, Nêgo Bispo amplia nossas lentes e nos ensina que todo projeto colonial foi para apagar as nossas existências e nos retirar do projeto de humanidade. Por isso ele não se assume humanista, pois foi essa estratégia genocida e epistêmica que nos conduziu todo o projeto humanista. A tradição humanista e burguesa que foi forjada pelo ocidente e pelo império resultou no apagamento, silenciamento, pilhagem, bestialização e na subalternização de nossos corpos. Foi, por fim uma estratégia para nos retirar do projeto de nação: “Humanismo é uma palavra companheira da palavra desenvolvimento, cuja ideia é tratar os seres humanos como seres que querem ser criadores, e não criaturas da natureza, que querem superar a natureza (Bispo dos Santos, 2023, p.30).

Ora, a partir desse ponto de vista, Nêgo Bispo avança no debate ao dizer que a ideia de desenvolvimento é uma invenção humanista-colonialista. Para ele, essa noção separa o homem da natureza, fazendo com que ele não se veja e nem se sinta parte da natureza. Essa foi uma das maiores invenções do colonialismo que foi separa a natureza da cultura. Isto é a cultura tudo o que é humano, isto é sujeito. E a natureza é o outro, o resto, o que não pode fazer parte da nação. Nesse sentido a nação somente reconhece a Humanidade, aquela que foi feita à imagem e semelhança. Por isso a humanidade está diretamente ligada ao capitalismo, ao desenvolvimento e contra envolvimento:

A humanidade é contra o envolvimento, é contra vivermos envolvidos com as árvores, com a terra, com as matas. Desenvolvimento é sinônimo de desconectar, tirar do cosmo, quebrar a originalidade. O desenvolvimento surge em Gênese. Relacionar-se de forma original, para o eurocristão, é pecado. Eles tentam humanizar e tornar sintético tudo o que é original (Bispo dos Santos, 2023, p.30).

O novo projeto defendido por Nêgo Bispo é voltado para o saber da confluência que é tem em sua filosofia o envolvimento seja com as matas, a terra, a natureza de modo geral. O envolvimento conecta pessoas e vidas em geral. O desenvolvimento desconecta, segrega, separa e hierarquiza, isto é, tudo o que o racismo-colonialismo

prestígia:

O grande debate hoje é o debate decolonial, que só consigo compreender como a depressão do colonialismo, como a sua deterioração. Compreendo o sufixo “de” como isso: depressão, deterioração, decomposição. Cabe às pessoas decoloniais, em qualquer lugar do mundo, educar sua geração neta. Elas só são necessárias se fizerem isso, porque é isso que é necessário fazer. E a nós contracolonialistas, cabe inspirar a nossa geração neta para que ela se defenda da geração neta dos decoloniais e dos colonialistas. Por que sempre é importante se defender, mas não é necessário atacar agora. Não precisamos destruir os colonialistas. Deixemos que vivam, desde que vivam com o sol deles e não venham roubar o nosso sol ou o nosso vento (Bispo dos Santos, 2023, p.53- 54).

Bispo, ao nos situar no debate decolonial da contemporaneidade, mostra e nos ensina que temos uma tarefa pedagógica de educar a toda geração neta, inspirar a nossa geração para que ela possa se defender dos colonialistas da geração dela. Mais do que atacar, é importante estar pronto para defender, pois em sua ótica não precisamos eliminar os colonialistas sem roubar o que é nosso.

Nêgo Bispo é consciente de que a humanidade está aí e não podemos eliminá-la. Devemos criar estratégias para nos confluirmos com ela, pois não é saudável ainda pensar de um lado os colonialistas e do outro os contracolonialistas. Para isso, Nêgo Bispo avança, nos provoca e nos desafia a pensar ao trazer a imagem da fronteira:

Não se trata de um pensamento binário, mas de um pensamento fronteiriço. Nunca vamos atravessar para o lado do humanismo, mas também nunca vamos querer que o humanismo atravesse para o nosso lado. Também não queremos que ele deixe de existir, só queremos que haja respeito e diálogos de fronteira. A humanidade está aí, não vamos matar a humanidade. Mas como vamos nos relacionar com ela? Estabelecendo fronteiras. Pode ser que, no futuro, como a fronteira é um território moveiço, elástico, a gente avance quando eles recuarem, ou pode ser que a gente recue quando eles avançarem, mas sem chegar ao limite. Nós pensamos sempre na circularidade, quebrando o monismo, a dualidade e o binarismo (Bispo dos Santos, 2023 p.31).

Ao evocar a fronteira, Nêgo Bispo nos mostra caminhos que já vem sendo trazidos e pavimentados por pensadoras feministas como Glória Anzaldúa e o pensador decolonial Walter Dignolo. Anzaldúa, a partir de uma consciência *mestiza* nos ensinou o poder da fronteira quando disse “O trabalho da consciência *mestiza* é o de desmontar as dualidades sujeito-objeto que a mantém prisioneira (...) Extirpar de forma massiva qualquer pensamento dualista no indivíduo e na consciência” (Anzaldúa, 2019, p. 326). Foi o que o martinicano Édouard Glissant (2005) nos fez pensar ao desafiar-nos a partir dos saberes da diversidade e da poética da relação, isto é, como pensar a nós

mesmos sem negar o outro e como pensar o outro sem negar a nós mesmos.

Certamente, noções como confluência, fronteira e encruzilhada nos dão potentes chaves para abrir novas portas e caminhos. São filosofias que iluminam novos olhares de errâncias, devires e potencialidades movediças que questiona o mundo tal como está dado e exige uma “pedagogia” capaz de juntar, fundir e unir para produzir novos signos, novas imagens, novos saberes e novos significados.

Soy un amasamiento, sou um ato de juntar e unir que não apenas produz uma criatura tanto da luz como da escuridão, mas também uma criatura que questiona as definições de luz e escuro e lhes dá novos significados. (Anzaldúa, 2019, p. 327)

Para a pensadora chicana, Glória Anzaldúa e de certo modo para o quilombola intelectual Nêgo Bispo, um dos maiores desafios da consciência *mestiza* é o de desmontar a dualidade sujeito-objeto. Trata-se de uma consciência que precisa aprender a se mover constantemente para fora das formações cristalizadas que arrasta a racionalidade para o pensamento em direção a um objetivo único forjado pelo ocidente e sim, para um pensar divergente. É a afirmação de uma consciência mais ampla que inclui, em vez de excluir. Portanto, a filosofia da confluência e da mestiçagem se encontram, pois como bem salientou Anzaldúa “*la mestiza* deixou de ser bode expiatório para se tornar a sacerdotisa-mor nas encruzilhadas” (Anzaldúa, 2019, p. 327). Essa atitude fronteiriça é, de certo modo, desobediente e insurgente.

Foi o que Walter Mignolo (2020) chamou de “desobediência epistêmica” e trouxe a “epistemologia de fronteiras” como estratégia para descolonizar o pensamento. Portanto, na perspectiva de Mignolo, o olhar fronteiriço não se trata de um método científico forjado na universalidade dos saberes canônicos e eurocêtricos. Pelo contrário, é um giro que permite uma crítica radical aos saberes forjados nos centros geopolíticos de saber-poder.

Dito isso, a confluência bispiana é, sem dúvida, uma das formas de estilhaçar o binarismo para que haja respeito e diálogo de fronteira. Estabelecer fronteiras e encará-lo como espaço movediço é plástico é um dos modos mais criativos e necessários para que possamos conviver com os humanistas.

Habitar as fronteiras e potencializar a circularidade para quebrarmos todo monismo, maniqueísmo que povoa o ocidente. É animada com esse exercício de sensibilidade e pactuada com a consciência de fronteiras que vejo uma forte sinergia entre o quilombola Nêgo Bispo e a feminista chicana Gloria Anzaldúa:

Na confluência de duas ou mais cadeias genéticas, com os cromossomos constantemente ultrapassando fronteiras, essa mistura de raças, em vez de resultar em um ser inferir, gera uma prole híbrida, uma espécie mutável, mais maleável, com uma rica carga genética. A partir dessa “transpolitização”, racial, ideológica, cultural e biológica, uma consciência outra está em formação- uma nova consciência *mestiza*, *una consciencia de mujer*. Uma consciência das fronteiras (Anzaldúa, 2019,

p.323- grifos da autora).

Em outras palavras, a noção de confluência em Nêgo Bispo nos trouxe para uma intuição que ele certamente já tinha: um quilombola com consciência de fronteiras. Essa consciência atravessada na afroconfluência de vidas e saberes que acontece de modo fronteiro, pois como pensou Bhabha (1998), é na fronteira que o pensamento se faz presente.

Considerações finais

Propus aqui evidenciar a complexidade do conceito de confluência, que foi forjado pelo quilombola e intelectual Nêgo Bispo e que atravessa, de certo modo, toda sua produção. Tive ainda a intenção de mostrar que o conceito de confluência em Nêgo Bispo está intimamente relacionado à ancestralidade, à memória e aos saberes oriundos dos povos quilombolas, bem como à crítica feita por ele ao humanismo.

Ora, quando assumo aqui essa ideia de ancestralidade, não a penso de forma romantizada, uma vez que essa expressão tem sido esvaziada ao ser apropriada de forma descontextualizada e sem dar o seu sentido ético, político e epistemológico. A ancestralidade aqui é pensada a partir da cosmovisão yorubá-nagô vivida pelo povo de terreiro e quilombola. A ancestralidade, como espaço de [r]existência preta, encara a encruzilhada como *locus* e uma forma radical de romper com o colonialismo-racismo. A ancestralidade aqui se confluencia com todos os corpos subjugados, subalternizados e desumanizados pelo colonialismo e pela colonialidade do poder, do ser e do saber.

Ouso ainda dizer que ancestralidade é luta pela democracia e emancipação não somente do povo preto, mas de todos os corpos que são marginalizados, discriminados e desumanizados. É também o reconhecimento de quem veio antes e a capacidade que temos, de forma lúcida, de pensar novas possibilidades de vida e um novo projeto de nação. Por fim, todos temos ancestralidade na medida em que somos um corpo que carrega memórias de vidas na pele. É essa memória ancestral que nos faz reconhecer o caminho de volta e nos coloca novamente no colo. Lembrando Bispo, confluência é uma palavra germinante que veio até ele quando a ancestralidade o carregava no colo. Que vocês leitores, ao percorrerem este ensaio, se sintam no colo da ancestralidade. Ancestralidade, por fim, é reconhecimento de que temos um corpo(ori)dade.

Dito de outro modo, Nêgo Bispo, a partir da sua experiência ancestral, fez severas críticas à colonização. Assim, nas palavras de Luiz Rufino, “Contracolonizar, confluir, biointeragir, verbos que demarcam o roçado de esperanças que devemos cultivar com práticas fincadas nas profundezas do chão desse lugar” (Rufino, 2022, p.76). Bispo, ao ampliar e atualizar a compreensão acerca do quilombo, ensinou-nos a semear a partir de um roçado de palavras germinantes:

Semeiei as sementes que eram nossas e as que não eram nossas. Transformei as nossas mentes em roças e joguei uma cuia de sementes. Quando apresentei essas sementes, essas imagens, essas palavras germinantes, eu tinha a impressão de que a palavra *biointeração* germinaria mais do que as outras, tanto é que me esforcei muito nesse sentido. Mas o que aconteceu foi que a palavra que melhor germinou foi *confluência* (Bispo dos Santos, 2023, p.15).

Assim, Nêgo Bispo e, de certo modo essa tradição que já vinha de pensadores como a historiadora Beatriz Nascimento, Abdias do Nascimento, Clóvis Moura, dentre outros, já haviam pavimentado caminhos e lançado sementes á luz do quilombo para darmos um novo giro e ampliarmos a semântica da noção de quilombo.

Por fim, de lá para cá muita coisa mudou e com as críticas à burguesia e ao projeto de nação burguesa, a militância e a intelectualidade negra têm feito críticas a essa nação, tensionando-a e enegrecendo-a. Por isso, impossível aqui não confluenciar, biointeragir e “ajuntar” Nêgo Bispo se transformou, em nosso tempo, na força viva do que chamamos de um novo modo de dar um giro e aquilombar a nação brasileira. Salve, Nêgo Bispo! Asé!

Referências

- ALMEIDA Mariléa de. *Devir-quilomba*: antirracismo, afeto e política nas práticas de mulheres quilombolas. São Paulo: Elefante, 2022.
- ALMEIDA Mariléa de. Territórios de afetos: práticas femininas antirracistas nos quilombos contemporâneos do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em História) - Unicamp, Campinas, SP, 2018.
- ANZALDUA, Gloria. La consciencia de la mestiza/rumo a uma nova consciencia. In: *Pensamento feminista*; conceitos fundamentais. Organização de Heloisa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Minas Gerais: Editora UFMG, 1998.
- CARVALHO, José Jorge de. *Colonização, quilombos*: modos e significações. Brasília, DF: Editora UnB, 2015.
- CÉSAIRE, Aimé. *A tragédia do rei Christophe*: discurso sobre colonialismo: discurso sobre a negritude. Organização de José Fernando Peixoto de Azevedo. Tradução Sebastião Nascimento. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.
- DELEUZE, Gilles. *Mil platôs- capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1/ Gilles Deleuze, Félix Guattari; Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célio Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- EVARISTO, Conceição. *Literatura negra*: uma poética de nossa afro-brasilidade. Dissertação de Mestrado defendida na PUC/RIO em 1996.

- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- FREITAS, Henrique. *A literatura-terreiro yorubá e Bantu*. Intelectualidades negras. RBMA-75, 2021.
- GLISSANT, Édouard. *Poética da relação*. Tradução de Marcela Vieira. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.
- GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*; Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: *Por um feminismo afro-latino americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Organização de Flavia Rios, Márcia Lima. Rio de Janeiro; Zahar, 2020.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das letras, 2023.
- MAIA, Joviano. SANTOS. *Quatro cantos*. São Paulo: N-1 edições, 2022.
- MARTINS, Leda. *Performances do tempo espiralar- poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- MOURA, Clóvis. *Os quilombos e a rebelião negra*. São Paulo: Editora Dandara, 2022.
- MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: UFMG, 2020.
- NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: perspectiva, 2017.
- NASCIMENTO, Abdias do. *Quilombismo*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1980.
- NASCIMENTO, Beatriz. *Quilombola e intelectual: possibilidades nos dias de destruição*. Maria Beatriz Nascimento. Diáspora Africana. Editora Filhos da África, 2018.
- NASCIMENTO, Beatriz. *Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombolas e movimentos*; organização de Alex Ratts-1 ed.- RJ: Zahar, 2021.
- OLIVEIRA, Eduardo. *O regime ancestral*. Salvador: segundo selo, 2023.
- QUIJANO, Aníbal: *Ensayos em torno a la colonialidad del poder*: compilado por Walter Mignolo. 1a ed.- Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2019.
- RUFINO, Luiz. O fundamento é a roça. *Revista de Filosofia*. Salvador, 2023.
- RUFINO, Luiz. *Quatro cantos*. São Paulo: N-1 edições, 2022.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. As fronteiras entre o saber orgânico e o saber sintético. *Tecendo redes antirracistas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019
- SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, quilombos: modos e significações*. Brasília, DF:

Editora UnB, 2015.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Quatro cantos*. São Paulo: N-1 edições, 2022.

SOUSA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

Recebido em 23/03/2025

Versão final reapresentada em 13/07/2025

Aprovado em 21/07/2025